

Um Encontro Intermulticultural de Águas Brasivianas

Francisco Marqueline Santana¹

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Resumo

No presente artigo, pretendo mostrar um conjunto de peculiaridades regionais, específico de uma comunidade brasileira, que reside em seringais bolivianos no departamento de Pando. Os seringueiros vivem no Rio Mamu, na fronteira Brasil/Bolívia e chegam até lá, através do Rio Abunã, este último, localizado em território brasileiro. Esta comunidade que sobrevive especificamente da extração do látex e da colheita da castanha, habitam a região desde o auge da Batalha da Borracha (1942-1945), porém há depoimentos de remanescentes que afirmam a existência de seringueiros que habitaram esta região desde o primeiro ciclo da borracha. Diante do exposto, pretendo analisar a relação existente na história deste povo, levando em consideração, três eixos principais: linguagem, cultura e sociedade.

Palavras-chaves: linguagem, cultura e sociedade

INTRODUÇÃO

Linguagem, cultura e sociedade são três aspectos que se misturam numa comunidade de seringueiros brasileiros, residentes na fronteira Brasil/Bolívia, mais especificamente às margens do Rio Mamu, localizado na província de Frederico Román, departamento de Pando - Bolívia. É exatamente neste extremo norte da região pandina boliviana, que o Rio Mamu torna-se afluente do Rio Abunã, que por sua vez, torna-se também, importante afluente do Rio Madeira.

¹ Autor do artigo e discente do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu do curso de mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia - UNIR/Guajará-Mirim.

Os seringueiros, provenientes do sertão nordestino, habitam esta região desde o primeiro ciclo da borracha (XIX – 1913), passando pelo segundo ciclo ou batalha da borracha (1942 – 1945) e adquirindo uma maior emigração, a partir do acelerado crescimento da frente pecuária, a partir do início da década de 70.

De início apresentaremos a influência da linguagem persuasiva – institucionalizada pelo Governo Vargas – no advento da Batalha da Borracha, que através de um forte poder ideológico, conseguiu através da propaganda oficial do Estado Novo, fazer com que milhares de nordestinos – atraídos por inúmeras propostas de riqueza – internalizassem a figura do soldado da borracha e migrassem como sendo o mais novo "herói" nacional para o tão sonhado "paraíso verde".

Além de um sonho transformado em pesadelo, o seringueiro enfrentaria mais tarde, inúmeros outros desafios que o tornaria cada vez mais submetido à opressão: a exploração da mão-de-obra nos seringais nativos, a destruição dos seringais para dar lugar ao avanço da pecuária, o preconceito sócio-lingüístico-cultural, a emigração para o país vizinho - neste caso específico, a Bolívia - e por fim, a condição humilhante atual à que esses nacionais brasileiros estão sendo tratados por zafreros bolivianos, sendo ameaçados e expulsos de suas terras, - habitadas inclusive desde o primeiro ciclo da borracha - nos cobiçados seringais do Rio Mamu.

Seringueiros, castanheiros, caboclos, índios e ribeirinhos, fazem parte de um imenso complexo amazônico que integra os povos da floresta e carregam em si, os valores, os costumes e as tradições de uma riquíssima heterogeneidade sócio-lingüístico-cultural, cravada no coração da Amazônia.

Desta forma, o encontro das águas do Rio Mamu com o Rio Abunã, torna-se um encontro intermulticultural, e, portanto, suas águas tornam-se agora brasivianas. Neste sentido, ao escrever a poesia intitulada "Encontro das águas", busco no seu bojo, retratar os valores e as peculiaridades regionais ali existentes:

Sou Abunã, sou Mamu, sou fronteira.

Sou Brasil, sou Bolívia, sou floresta.
Sou um pouco do azul que ainda resta
Sou a luz de identidade guerreira
Sou a água desta terra brasileira
Que namora a água boliviana
Sou a fonte da fé que não se engana
Sou rio no rio, sou alimento.
Sou a gota D'água de nascimento
Que brotou da língua que me irmana.

1. A linguagem persuasiva e a figura do seringueiro

As propagandas oficiais da política varguista, persuadiam milhares de nordestinos a migrarem para a região amazônica, onde se tornariam importantes soldados da borracha, em defesa da pátria nacional.

O nordestino voluntário passava a ter de imediato, um emprego com um salário de meio dólar por dia e alojamento para toda a família, até o dia da partida (...) prometiam ainda, que os imigrantes teriam 60% da borracha produzida, 50% da castanha colhida, 50% da madeira derrubada, o direito livre à caça, pesca, às peles de animais silvestres e ainda a um hectare de terra para plantar. (Souza, 2004. p. 21, 22).

Para o Governo Federal, era necessário cumprir os compromissos firmados com o capital internacional, então representado pelos Estados Unidos da América, que financiava e consolidava sua hegemonia imperialista sobre os países subdesenvolvidos, durante a Segunda Grande Guerra.

Um grande número de propagandas visuais foi espalhado pelos lugares mais humildes do nordeste, o sertanejo sentia-se cada vez mais determinado a buscar sua riqueza no seio da floresta amazônica. Conforme diz BAKHTIN:

A consciência adquire forma e existência dos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete suas lógicas e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu

conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. Constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem (BAKHTIN, 1986. p. 35,36).

Segundo Secreto, "A propaganda para recrutar os trabalhadores explorou alguns elementos do imaginário, dos desejos das emoções, por meio de símbolos e de um discurso severo e apelativo" (SECRETO, 2007. P. 125).

Ao criar na época o Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia - SEMTA, o Governo Federal, através do Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, exercia todo seu poder ideológico para fazer valer os seus caprichos político-econômicos. Como afirma Secreto:

A propaganda para mobilizar os trabalhadores para a Amazônia, teve duas dimensões: uma nacional e outra local. Na dimensão nacional, a batalha pela borracha se encaixava no programa de ocupação e colonização dos "espaços vazios" e nos esforços de guerra do Brasil. Na esfera local, a emigração de nordestinos para a Amazônia era uma questão que contava com uma longa tradição e alguns debates. (SECRETO, 2007. P. 125).

As promessas de riqueza e fortuna, oferecidas ao sertanejo do torrão nordestino, surgia como importante mágica que logo acabaria com o dilema da fome, e desta forma escrevi:

Aquela família, faminta em seu lar
Morte em vida da cruel opressão.
Na face triste, a marca da exclusão
Nos seus direitos, apenas o de sonhar
Penitentes que sonham naquele lugar
Tentando apagar do peito a cicatriz.
Uma família que insiste em ser feliz
Recebe promessas de um Governo opressor
Que aparece na seca como salvador
Por entre órfãos de pátria e país.
(SANTANA, 2005. p. 12).

A linguagem persuasiva atraiu sertanejos de todas as partes da região nordestina, e como resultado, o sertão "vestiu-se de patriotismo". Segundo MAESTRI e CARBONI:

O domínio social dá-se por meio de diversos níveis lingüísticos, em uma mesma comunidade falante, a definição, a legitimação e gramatização de uma variedade lingüística como padrão, considerada superior e única correta, em oposição às variedades não padrão, vistas como inferiores e incorretas, constituem extensão-consolidação da depressão e controles sociais e políticos das classes subalternizadas, reprimem-se suas formações discursivas e, portanto, visões de mundo (MAESTRI; CARBONI. 2005. p. 105).

O nordestino, depois seringueiro amazônida, resistiu e resiste ao poder reacionário, excludente e opressor; hoje os povos oprimidos da floresta, continuam a lutar por uma vida mais justa e que lhes traga mais dignidade.

O tempo correu a vida passou e os Ferreira da primeira geração de onde partiu essa narrativa juntamente com seus descendentes, continua incansavelmente percorrendo as estradas da vida de forma corajosa, esperançosos, dia após dia, e ainda sonhando encontrar a "boa colocação" que apresente a "seringa virgem" de onde se possa extrair "rio de leite" e juntar um bom "saldo no barracão" _ viver com dignidade. (SOUZA, 2004. p. 88,89).

1.1. Os primeiros contatos com a floresta.

A chegada no seringal - o que seria a um alívio para os nordestinos, depois de uma viagem estressante de navio - surgiu como um triste pesadelo: o que viram e ouviram através das propagandas oficiais do Governo, não passou apenas de uma promessa não cumprida, para fazê-los chegar "à terra prometida".

Para a família recém-chegada em terras estranhas, antes de se instalar no local definitivo, hospedada em um armazém na sede do seringal, psicologicamente, esse episódio abalou as estruturas. (...) sentiram-se perdidos, sem ter a quem recorrer, choravam em silêncio e procuravam se conter a todo instante para não se desesperarem e cometerem loucuras. O sofrimento e a sensação de vazio, misturada com a saudade do nordeste, era tão forte que (...) ficavam andando sem rumo, olhando para o vazio, tentando encontrar consolo, ou uma resposta, que nem eles próprios sabiam onde encontrar. (Souza, 2004. p. 31).

De início, o seringueiro sabia das dificuldades que iria enfrentar por entre a mata virgem e seus infinitos mistérios. Desde a viagem de navio até a nova morada, fincada por entre os palcos florestais, a morte passou a ameaçar

e até dizimar famílias inteiras. "Em 1945, a imprensa internacional denunciava o desastre da campanha da borracha, falava-se em 25.000 mortos ou desaparecidos" (SECRETO, 2007. p. 131).

Na poesia, intitulada "Cheguemu", retrato a saga de uma família nordestina, que ao se despedir da caatinga, chega finalmente a sua tão sonhada colocação:

Dexemu u roçadu, ondi nós trabaiaiva
A casa de taipa ficô nu sertão
Abri a gaiola, sortei u cãcão
Tirei du frechá, mei kilu di fava
Rapemu a panela, tão pobe, mais brava
A mala de pau, cum disgostu abrimu
Uma dô differenti nu peitu sintimu
U jumentu ficô cum sua cangaia
Butei na urêa u cigarru di paia
Fechemu a cancela i nu mundu partimu

U distinu agora é chegá na amazõia
Uma terra distanti qui eu nunca vi
A famia duenti viajô de navi
Não drumi, variei, cuma feбри medõia
Cum muita sordadi, cheguemu in rondõia
I socadu na mata nós foi trabaiaí
A siringuêra di leiti, cumeçei a cortá
Arrumemu um cantim pra dispois nós drumí
Di paxiúba i imbira fiz u meu tapirí
A nova morada du meu siringá.

A terra era boa, num podia prantá
Também num podia, perdê miã fé
Já cheguei foi devenu au meu coroné
Mais a terra elé boa, di tudu ela dá;
Bacaba, pupunha, buriti, patuá
Tucumã, palmitu, cabaçarana, uricuri
Tuturubá, macaxêra, piqui i uchí
Copaíba, cacau i também babaçu
Um chibé ou jacuba, depois cupuaçu
Ou farinha jogada no mei do açai.

Agora os soldados e as soldadas da borracha, não só vão enfrentar os desafios da floresta - quer nos aspectos da fauna e flora; quer nos aspectos das relações sociais de dominação e exploração - eles e elas, agora vão também amar a floresta, viver na floresta e viver da floresta.

1.2. Seringueiros: poder e dominação numa ponta do Rio Abunã.

Praticamente, até a segunda metade do século XX, os antigos seringais nativos da região denominada "Ponta do Abunã" (hoje os distritos de Extrema, Nova Califórnia, Vista Alegre e Fortaleza do Abunã) permaneceram intocáveis à devastação praticada pela ação humana. Os povos da floresta mantinham um imaculado relacionamento com a mata virgem e o respeito entre homem e natureza era mútuo, recíproco e verdadeiro. No velho e aconchegante tapiri, o seringueiro vivia a admirar o canto dos pássaros e o vento manso soprando as copas dos vegetais.

No começo, sentia-se só, desamparado, atormentado pela falta do pai. O tempo fora, porém, sarando as mágoas do passado, apagando lhe a tristeza. Aos poucos, adaptou-se a nova existência, as lembranças de outrora perdidas nas brumas de uma saudade amarga. Nasceu no "Colibri", "Colocação" do "Santa Rita", distante quarenta horas da margem, em lombo de burro. Não conheceu a mãe. Nas mais recuadas recordações, vê-se sozinho com o pai na barraca primitiva. Como todas as outras, improvisada habitação de um acampamento provisório, edificada na estreita clareira da mata, coberta de palha, erguida sobre roliços esteios de madeira. Um pano de algodão encardido à guisa de porta na entrada do quarto, feito de quatro pares de paxiúba e pequi, amarradas com embiras. O alpendre, baixo, pequeno, ao mesmo tempo sala e cozinha, abrindo para um jirau de troncos retorcidos, onde fumegava pequeno fogão de barro. A escada tosca descendo quase em pé para o solo encharcado. (FERRANTE, 2007. p. 21,22).

Apesar do relacionamento sadio com as obras da natureza exuberante, o seringueiro era submetido no seu cotidiano a uma tradicional exploração capitalista, resultado de uma severa dominação imposta pelo seringalista. Apesar disso, os seringueiros jamais aceitaram a passividade e sempre procuravam novas formas de reagir à opressão instalada nos seringais.

Homens, mulheres e crianças, dos seringais, aprenderam a resistir às dominações dos seus patrões. Não se deixaram escravizar. Os seringueiros sofreram as piores torturas, as mais trágicas perseguições, muitos foram assassinados por seus patrões, tiveram seus bens roubados, suas mulheres perseguidas por outros homens, mas resistiram. E ainda hoje estão na floresta, vivendo de forma diferente da do começo do século XX, mas estão aí demonstrando que não se tornaram escravos. (...) a fuga, a antiga forma de resistência dos seringueiros, não foi a única maneira de resistir criada

por eles. Os seringueiros constituíram outras formas de resistências ao mesmo tempo. São lutas elaboradas nas experiências vividas em seu cotidiano. São tradições e lutas que lhes ensinaram: "ficar e lutar é preciso; resistir fugindo não é mais preciso". (SOUZA, C. A. 2006, p. 48).

1.3. Da extração à pastagem.

Depois da relação conflituosa entre seringueiros e seringalistas nos seringais da Amazônia, entra em cena mais um novo capítulo da história social amazônica. O seringal amado e explorado vai dar lugar à pecuária extensiva a partir dos anos 70 e nesta ponta do Abunã não fora diferente. Os seringueiros agora, irão travar uma dura luta contra a frente pecuária, instalada principalmente no sul da Amazônia ocidental.

Para implantar a pecuária na Amazônia, o Governo Federal cortou os incentivos aos seringalistas produtores de borracha. Através da lei nº 5227, de 18 de janeiro de 1967, os militares tiraram a obrigação do Banco de Crédito da Amazônia S.A. de financiar a produção de borracha dos seringais acreanos e de toda a Amazônia. Os empréstimos em dinheiro que seringalistas conseguiram no Banco de Crédito da Amazônia S.A. foram suspensos sem nenhum aviso prévio. A intenção era fazer com que os seringalistas colocassem seus seringais dispostos à venda para os pecuaristas das décadas de 1970 e 1980. Os seringalistas foram pegos de surpresa, restando, para muitos, apenas as dívidas para com banco. Para o seringalista falido só restou uma saída: vender o seringal para pagar o que devia ao BASA. E assim o fizeram muitos seringalistas falidos. Venderam seus seringais (...) a preços baixos, a empresários do Centro-Sul do Brasil. Boa parte dos seringais comprados pelos empresários foi transformada em fazendas de gado. (SOUZA, C. A. A, 2006. p. 98).

Mais uma vez os seringueiros entram em defesa da floresta, contra o avanço desenfreado da pecuária extensiva. Homens, mulheres e crianças, unem-se para defender a mãe seringueira, contra o ronco impiedoso do motosserra. Desde o século XIX, seringueiros e seringueiras, ao conquistar seu novo berço e suas novas formas de vida, demonstraram e demonstram possuir um grande amor pela floresta. Na verdade, os povos da floresta convivem numa mais pura e bela irmandade e é esse espírito fraterno e solidário, que cada vez mais, faz crescer este cenário multicultural, heterogêneo e diversificado, responsável por uma Amazônia sem dores. Foi desta forma, então, que surgiram "os empates", "empatar aqui tem o significado de se

impedir alguém de realizar ato danoso a um determinado grupo” (SOUZA, C. A. A, 2006, p. 55)”.

Os empates cresceram, era preciso defender a floresta, defender os excluídos, defender uma cultura construída na mata virgem, era preciso defender a sobrevivência, era preciso defender uma história de vida, construída com sangue, suor, lágrimas, exploração. Desta forma, narra Carlos Alberto A. Souza:

Quando homens, mulheres e crianças se colocaram à frente de armas, motosserras e dos peões dos fazendeiros e madeiros, para impedirem que suas terras fossem invadidas ou que suas florestas fossem derrubadas, os seringueiros chamaram esta atitude de "empates". A solidariedade, vivenciada pelo seringueiro em seu cotidiano, seja nas festas, nas visitas, nos passeios, na relação de trabalho de meeiros, na educação, na religiosidade, nas práticas medicinais e nos adjuntos, é o elemento que perpassa por toda a tradição de suas resistências e se apresenta na realização dos empates. Sem o fortalecimento de uma vida de solidariedade, os empates não seriam organizados. A solidariedade torna-se um ato coletivo, de necessidade social, e coletiva, em defesa de um modo de vida. O empate é algo constituído neste modo de viver onde a solidariedade é também formada. (SOUZA, C. A. A, 2006, p. 55).

1.4. Linguagem, resistência e religiosidade.

Os seringueiros e seringueiras carregam uma tradição de religiosidade muito forte, desde as suas origens na caatinga nordestina, até os mais longínquos seringais da floresta amazônica. A fé em Deus, edificada em rezas, novenas e promessas, alimentava a esperança por dias melhores. Era a fé, portanto, também uma forma de resistência, e os próprios seringueiros, através da mais humilde e relevante linguagem poética e religiosa, constituíam seus próprios hinos, em defesa de suas causas, seus costumes, suas peculiaridades e suas tradições.

Vejamos como os seringueiros escreveram as duas orações:

PAI NOSSO DO SERINGUEIRO

"Seringueira que estais na selva
multiplicados sejam vossos dias
Vem a nós o vosso leite
seja feita a nossa borracha
assim na prensa como na caixa

para o sustento de nossas famílias
nos dai hoje de todos os dias
perdoai nossa ingratidão
assim como nós perdoamos
as maldades do patrão
e ajudai a nos libertar
das garras do regatão
Amém!" (ARAÚJO, Jayme da Silva. "Pai nosso do seringueiro" IN: Conselho Nacional dos Seringueiros _ Comissão Municipal de Brasília.
Poemas, hinos e rezas sobre os seringueiros, suas vidas e lutas. Brasília, 1987).

AVE MARIA DO SERINGUEIRO

"Ave madeira, que desgraça
ser preciso eu te cortar
bendito sois o teu leite
para meus filhos sustentar
para os barões farrear.
Santa madeira mãe do leite
rogai pela nossa vitória
Pra conseguir as reservas extrativistas
nesta hora amém!" (LIMA, Saulo Firmino de. "Ave Maria do seringueiro". IN: Conselho Nacional dos Seringueiros _ Comissão Municipal de Brasília. Poemas, hinos e rezas sobre os seringueiros, suas vidas e lutas. Brasília, 1987). (SOUZA, C. A. A, 2006, p. 55,56).

Foi desta forma, que analisando a linguagem simples e humilde dos seringueiros, que fortalecidos pela fé inabalável, construíram inúmeras vitórias, que escrevi a poesia "Resistência e fé", como uma homenagem a todos os seringueiros e seringueiras que habitaram todos os seringais nativos da Ponta do Abunã:

Vinde ó Deus, dizer vamos lutar
Unir teu povo em nome dessa floresta
Vamos cuidar do verde que ainda resta
Faz o teu povo, de espírito, ressuscitar.
Faz esta massa consciente se libertar
E protestar contra esta exploração
Pede a teus filhos: coragem, fé, união.
Pois muitos temem a dor do tiro certo
Se eles mataram, o nosso "rei" seringueiro.
Nossos direitos, eles nunca matarão.

1.5. Kaxararingueiros: uma linguagem escravizada.

A nação indígena Kaxararí, está localizada, parte em Extrema - Ponta do Abunã, Porto Velho, Rondônia - e parte no sul do Estado do Amazonas. De língua pano, este povo também foi vítima da exploração de grandes seringalistas que habitavam essas duas regiões. O índio Kaxararí [hunikuny] até hoje procuram manter suas tradições e têm um relacionamento pacífico com os demais povos da floresta, inclusive com o homem branco que habita as regiões circunvizinhas dos estados do Acre, Rondônia e Amazonas. Durante a década de 40, os índios Kaxararis tornaram-se "Kaxararingueiros", foram escravizados para trabalharem na extração do látex, juntamente com milhares de seringueiros que ali viviam. Os "Kaxararingueiros", sempre mantiveram um relacionamento sadio com os seringueiros. Uma prova disto é seu Luís [Kalku], nascido em 1931, na cabeceira do rio Kurequetê, numa localidade muito espinhosa, cheia de sapé [mushalawy]. Aos 12 anos de idade, já estava trabalhando na produção de borracha natural, num seringal chamado "Remansinho", próximo ao local onde nasceu. Luiz [Kalku] era filho de dona Maria [Xaripa] e de seu Julio [Yura]. Ainda aos 12 anos, Luís teve seu primeiro casamento, casou com dona Francisca Kaxararí, tiveram dois filhos: Jorge e Assis. Francisca adoeceu e foi enterrada na beira do Rio Azul. Depois ele casou com a Rosa (irmã da ex-mulher), viveram dois anos. Rosa adoeceu de tuberculose e faleceu em Porto Velho. Em seguida casou-se com Antonia Alexandre Bessa, uma bonita seringueira, na época com 19 anos, filha de Décio e Hilda Bessa, soldado e soldada da borracha, natural da Serra do Pereiro, Estado do Ceará. Luís [Kalku] chamava Antonia carinhosamente de [Waiutu] o seu nome indígena. Ela nasceu em 1966, e deste casamento tiveram três filhos: Dayane (15), Daniel (10) e Rafael (7). Luiz faleceu em 20 de março de 2008, aos 77 anos, deixando esposa e filhos, que convivem hoje, normalmente na aldeia indígena Kaxararí.

1.5.1. Fugindo da escravidão

Quando jovem Luís viu seu povo jogado à escravidão. Conta-se que os índios que não quisessem trabalhar, eram mortos e jogados no igarapé

"Introncamento". Esse igarapé despeja no Rio Remansinho. Até hoje, segundo contam, lá existe um cemitério, devido à grande quantidade de ossos indígenas ali existentes. Mas os índios se revoltaram, prometeram resistência e foram em busca da liberdade.

Na medida em que a língua é consciência real e prática do ser social, este último assume crescente consciência de suas necessidades históricas por meio também do crescente reconhecimento da determinação histórica e social de sua voz e da função dessa última na conformação e transformação do mundo social. (...) a superação da linguagem escravizada constitui processo solidário, verdadeiro companheiro da luta pela libertação do próprio conceito, já que o processo de crítica do mundo social e natural se dá por meio de ampliação da consciência apenas possível de ser organizada, processada e expressada sob a forma de linguagem. (CARBONI & Maestri, 2005. p. 98).

Sentindo de perto a vitória do seu povo, Luís [Kalku] voltou a sorrir, voltou a ter sua tão sonhada liberdade e passou a viver em paz com sua gente às margens do Rio Remansinho.

A luta entre segmentos sociais expressa-se também na luta consciente e inconsciente entre as diversas, diferentes e contraditórias materializações lingüísticas de suas diferentes visões de mundo. (CARBONI & Maestri, 2005, p. 105).

No relacionamento entre os dominados existe diálogo, dialetos diferentes se misturam em benefício da resistência na busca real pela liberdade. O convívio com o diferente é que faz a diferença para um mundo melhor.

2. Seringais do Rio Mamu

O avanço da frente pecuária, iniciada principalmente a partir dos anos 70 / 80, fez com que as emigrações de seringueiros brasileiros para a região pandina boliviana se multiplicassem. Encurralados por grandes pecuaristas, provenientes das regiões sul e sudeste do país, os seringueiros que viviam às margens do Rio Abunã, foram procurar dias melhores em seringais da pátria boliviana. Segundo relata o historiador Carlos Alberto Alves de Souza:

Muitos seringueiros que recentemente buscaram os seringais da Bolívia foram levados pelas notícias da fortuna de caça e de peixes existentes nas florestas e nos rios da Bolívia. Outros foram em busca de parentes e acabaram ficando na Bolívia. Desde o século XIX que brasileiros ocuparam seringais bolivianos. Muitos seringueiros, por terem suas terras invadidas por fazendeiros na década de 1970 partiram para a Bolívia. (Souza, C. A. A. 2006, p. 71).

Ao longo do Rio Mamu, podemos observar a existência de muitos seringais e diversas colocações, que por terem sido durante décadas, habitados exclusivamente por brasileiros, seus nomes, (a grande maioria em português) traduzem uma grande diversidade cultural, presente em cada um dos seringais que ali reside.

Saindo do Rio Abunã entrando no Rio Mamu, podemos observar na seqüência, uma extensa lista de seringais e colocações, a saber: seringal "Tagna", depois as colocações: "Carulinda", "Pedro Porto", "Cumarú", "Passarin", "Barca Farol", "Bacaba", em seguida o seringal "Santa Rita" e mais adiante as colocações "Palmares". E "Palmari". Na seqüência, virão outros seringais: "Baixa Verde", "Arraial", "Cachoeirinha", "Providença", "Tabocal", "Cabeluda", "Barro Alto", e "Saubal". E finalizando a seqüência: "Onça" (colocação), "Castanheira" (colocação), "Companhia" (seringal)", "Primavera" (seringal) "Buriti" (colocação), "Porto Barba" (seringal), "Casa de Barro" (colocação), seringal Potossi e outros, até chegar à sua nascente.

2.1. Costumes dos seringais.

Nos seringais do Rio Mamu existe muita fartura e caças, por exemplo, muito apreciada pelos seringueiros é facilmente comparada à época de seringais nativos do Rio Abunã, durante os primeiro e segundo ciclos da borracha:

A Caça (...) era muito fácil, muitas vezes não sendo necessário nem esperar nas "comidas" (frutas silvestres onde as caças se alimentam) ou "Barreiros" (locais, geralmente em beiras de pequenos igarapés, onde as caças comem barro), pois a própria caminhada pelas estradas de seringa na atividade diária, proporcionava as condições de abate das caças. Outro fator que concorria para garantir a

alimentação com carne de caça, era a proximidade e o relacionamento com a família dos Ferreira, pois moravam próximo, na mesma colocação e quando um não abatia alguma caça, o outro conseguia e todos compartilhavam e se ajudavam mutuamente. Com exceção das "embiaras" (caça de pequeno porte), que são iguarias especiais na alimentação do seringueiro, as casas nobres são: porco (catitu), veado e anta, essa última, por ser um animal de maior porte entre as caças e quando é abatida garante alimentação por vários dias (SOUZA, 2004, p. 47/48).

O cotidiano do seringueiro no Rio Mamu, além da caça, pesca, fazer uma a farinha D'água, tomar um chibé ou uma pinga boa, também faz lembrar, principalmente a seus remanescentes, os velhos costumes presentes nos seringais do Rio Abunã:

Pedro Câmara corta a última seringueira da "estrada", começara às duas da manhã e o sol já vai a pino quando chega ao término do corte. A "estrada" parte, inicialmente, numa reta _ o espigão _ e, a certa altura, descreve um largo círculo _o rodo_, cuja extremidade vem alcançar o seu ponto inicial, de modo que o seringueiro termina o trabalho no mesmo lugar em que o inicia. Pedro Câmara aproxima-se da árvore. Mecanicamente, executa pela centésima vez a mesma operação naquele dia. Escolhe o lugar ainda virgem da faca, na bandeira, e com a mão firme rasga um sulco transversal em cuja extremidade embute a tigelinha, o leite branco e pegajoso poreja da ferida e rola, lentamente, para dentro do vasilhame. (FERRANTE, 2007. p. 77).

2.2. Surge o conflito

Tudo parecia o "paraíso", até que a partir de 2005, os seringueiros brasileiros foram tomados de surpresa, por uma grande quantidade de bolivianos, que se denominavam "zafreros": Residências eram invadidas, seus bens eram seqüestrados e as ameaças de expulsão à mão armada, eram constantes. As notícias se espalharam rapidamente:

Extrema - delicada: essa é a situação dos brasileiros castanheiros e seringueiros do Distrito de Extrema, proprietários de terras na Bolívia que estão sob ameaças de um grupo invasor, supostamente conhecido como sem-terras bolivianos e que também se intitulam "guerrilheiros" bolivianos. O fato vem sendo noticiado pelo Estadão desde o último dia 15 de janeiro, quando o professor Francisco Marquelino Santana veio a público denunciar os atos cometidos por elementos bolivianos contra os brasileiros. O local do conflito fica em

território boliviano, no Rio Mamu, cerca de 7 horas de barco, a partir do Distrito de Extrema. (...) no último dia 12, mais de 500 sem-terra bolivianos e/ou "guerrilheiros" armados com espingardas, pistolas e revólveres invadiram as terras de brasileiros e impedidos que pessoas saíssem ou entrassem na região, tornando-os verdadeiros reféns em suas próprias residências. (O Estadão, jornal O, in: 23/01/2008. Porto Velho).

Durante missão itinerante do vice - consulado de Cobija e a embaixada brasileira de La Paz em Extrema, várias denúncias foram registradas pelas autoridades, conforme relato dos seringueiros:

Está havendo assalto à mão armada. Os bolivianos estão me ameaçando de morte. Eles são umas esquadrilhas. Os chefes dele é um tal de "Ive Manguayo". Eles me assaltaram 141 sacos de castanha quero saber quem vai me pagar. (depoimento do seringueiro Francisco Souza de Queiroz. Extrema, 2008).

Devido aos vários registros de denúncias feitas pelos seringueiros, contra "zafreiros" bolivianos, as autoridades bolivianas, demonstraram também possuir alguma preocupação com os fatos acontecidos no Rio Mamu, prova disso, foi um ofício, encaminhado ao seringueiro, Francisco Souza de Queiroz em 08 de julho de 2008; pelo subprefeito da província Federico Román, Victor Gutierrez:

De mi mayor consideración:

Debatido en el seno de la comisión agraria departamental(C.A.D)la denuncia presentada en la provincia Federico Román, motivada por una serie de hechos de avasallamiento, atropellos y otros tanto a personas individuales como concesionarios los que supuestamente estuvieron siendo protagonizado por otros gestores ajens al sector zafreiros y campesinos; se ha determinado convocar a su persona en calidad de afectado dentro de su componente a presentar-se ante la sesión de la comisión agraria departamental par fines de realizar las aclaraciones que correspondan antes los comisionados de la C.A.C. La sesión se desarrollara el día 12 del presente en las instalaciones de la asociación de ganaderos de Pando a horas 09:00 a.m. com este motivo agradezco su gentil concurrencia y le reitero las seguridades de su distinguida consideración. Atentamente Sr. Victor Hugo Siani Gutierrez. Subprefecto prov. Federico Román. (prefectura de Pando, Nueva Esperanza – Pando – Bolívia, Cobija, 08 de Julio de 2008).

Até o presente, os dois Governos estão buscando uma solução pacífica para os últimos acontecimentos, ocorridos no Rio Mamu, departamento de

Pando, Bolívia. Certamente, os seringueiros brasileiros, querem apenas, voltar a trabalharem normalmente em terras bolivianas e adquirirem o direito de poder usufruir do fruto do seu suor, como é de praxe em todo mundo.

As formas de representação, na floresta pandina, estão nas diferentes linguagens: da fala, dos corpos e dos gestos. Linguagens que vão se caracterizando pelas trajetórias similares, onde a vida parece se equilibrar pelas interdições e recomeçar pelas rupturas. Interdições que se manifestam na reprodução físicas e biológicas, a cada "des-locamento" imposto. A morte, a fome, o sacrifício, a dificuldade e o sofrimento são categorias que se inscrevem na história de vida dos entrevistados e estão na contraposição da resistência que reveste de muitas formas: desobediência, manutenção do sonho de ter a terra, vontade de continuar vivendo na engrenagem da própria migração. (ESTEVEZ, Benedita Maria Gomes, 2005. p. 55).

3. A escola em ação: linguagem, preconceito e diplomacia.

Das escolas existentes em Extrema, duas participam ativamente das reuniões diplomáticas que envolvem o conflito existente na fronteira Brasil/Bolívia, mais especificamente, no Rio Mamu, onde o desenrolar dos acontecimentos têm sido mais freqüentes. A Escola Estadual Jayme Peixoto de Alencar, que sempre prestou assistência aos seringueiros brasileiros, através do projeto "Ética e Cidadania", enquanto a Escola Municipal 13 De Maio, atua da mesma forma, prestando relevantes serviços aos nacionais brasileiros do Rio Mamu, através do seu Fórum Escolar. Ambas as escolas, desenvolvem importantes projetos, onde "as questões das diferenças de gênero, cultura, etnia/cor fazem parte das discussões globais que nos colocam diante da necessidade de pensar numa educação multicultural em que não se reproduzam estereótipos, preconceitos, discriminações, padrões e exclusões". (AMARAL, N.F. G, 2009 p. 12). Dessa forma, acreditamos construir uma escola verdadeiramente democrática, priorizando conteúdos _ respeitando e trabalhando os demais _ que estejam intimamente relacionados com o meio em que vivemos. A escola não pode atuar à revelia das coisas que a forma. Na Escola 13 de Maio, por exemplo, que desenvolve o projeto "Coral do jeito da gente", professores e alunos, compõem músicas, voltadas para uma análise

sócio-lingüístico-cultural, que retrata a realidade dos povos da floresta, a exemplo disso, afirma Candau:

Parto da afirmação de que não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Neste sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica "desculturizada", isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura (s). Estes universos estão profundamente entrelaçados e não podem ser analisados a não ser a partir de sua íntima articulação. (CANDAUI, 2008. p. 13).

Temos a mais absoluta convicção de que toda escola e todo educador, que não só respeita as diferenças, mas que aceita e convive com este imenso complexo conjunto de diversidades culturais, certamente, esta comunidade escolar, estará plantando a semente do amor às heterogeneidades culturais existentes no mundo inteiro. Podemos observar, cá mesmo, neste canto da Ponta do Rio Abunã, a imensa riqueza de dialetos existentes e de línguas, que de uma forma ou de outra se encontram e se misturam.

Na verdade, a opção por uma língua é uma opção por uma história. Por uma maneira de ser e de se pensar, por uma visão de mundo. Com a língua herdamos uma cultura, no mais amplo sentido do tempo: uma maneira de ser e de estar no mundo talvez, por isso mesmo, a língua pode tornar-se forte instrumento de defesa. Ou de agressão. (PESSOA, 2008, p. 50).

Quando a Escola 13 de Maio (Extrema - RO) localizada nesta área fronteiriça Brasil/Bolívia, "resolveu" adotar o projeto "Coral do jeito da gente", é porque também, resolveu adotar: índios Kaxarari e seus remanescentes, seringueiros e seus remanescentes, migrantes de todas as partes do país e seus remanescentes, enfim, resolveu também adotar, bolivianos e bolivianas e seus remanescentes, afinal, como disse antes, esta fronteira é brasiviana, e como toda a fronteira deste mundo, precisa ser amada, através da educação, pois, verdadeiramente sabemos que:

Em terras de grandes processos migratórios, como é o caso do Brasil, inicialmente, e do estado de Rondônia, particularmente nossa área de maior interesse investigativo, a variação lingüística é, infelizmente, ainda ancorada em inúmeros preconceitos: sócio-

econômicos, religiosos e culturais de modo geral. O educando filho de imigrantes ou de nativos locais inicia um processo de perda de identidade muitas vezes irreversível por que é quase sempre colocado frente a situações onde o professor insiste em iniciá-lo na prática da língua, anulando e, muitas vezes criticando, embora com grande "boa intenção", (como a mãe quando nos deixa brincar) todo o conforto lingüístico que este educando trouxe de casa. (PESSOA, 2007, p. 230).

Acreditamos firmemente na escola povo, uma escola que ama as diferenças, uma escola verdadeiramente inclusiva e democrática, uma escola recheada de dialetos, de línguas, uma escola da vida, dos valores, enfim uma escola que tenha a cara da nossa gente e que tem a plena consciência de que "A história de uma língua é a história de seus falantes" (CALVET, 2007, p. 12).

Considerações finais

O título deste artigo: "Um encontro intermulticultural de águas brasivianas" nasceu exatamente do encontro dessas águas milenares, grudadas no coração da Amazônia. Dois rios, duas nações, línguas que se misturam. O regatão, velho conhecido dos povos da floresta, famoso por atravessar rios de explorações, também já virou brasiviano. O Batelão está munido de peculiaridades sócio-lingüístico-culturais. Os povos da floresta não irão morrer, a floresta não morrerá, ambos resistirão e encontrarão uma saída para seus problemas. A escola, porém, ainda precisa abrir os braços e dar um abraço forte na sua gente. O labirinto somos nós, talvez por isso, precisamos nos descobrir. Pois "não há, portanto, como separar a ciência e ideologia, saber e poder _ pois ambos fazem parte da realidade humana da vida em sociedade". (GREGOLIN, 2007, p. 52).

Referências bibliográficas

- AMARAL, N.F.G. DO (Org.). *Multiculturalismo na Amazônia: O Singular e o Plural em Reflexões*. Curitiba: CRV, 2009.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

- CALVET, L.J. *Sociolinguística: Uma Introdução Crítica*. São Paulo: Parábola, 2007.
- CARBONI, F. & MAESTRI, M. *A linguagem Escravizada*. São Paulo: Expressão popular, 2005.
- CORREA, D. A. (Org.). *A Relevância Social da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- ESTEVES, B. M. G. *A Hierarquização dos Espaços Agrários na Amazônia Sul-Occidental*. Presidente Prudente: Revista Nera, A. 8, N.7, 2005.
- FERRANTE, M. J. *Seringal*. São Paulo: Ed. Globo, 2007.
- MOREIRA, A. F. & CANDAU, V. M. (Org.). *Multiculturalismo, Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- PESSOA, M. S. Língua Portuguesa: Das Raízes em Portugal às Diversidades Linguísticas do Brasil – Uma Aprendizagem ao Longo da Vida, in: *Educareducare*, Ano XIII, N. 20, julho, 2007.
- PESSOA, M. S. *Políticas das Diferenças e Desigualdades Sociais: Discussões Inadiáveis na Formação de Professores para as Séries Iniciais dos Interiores Multiculturais do Brasil da Investigação as Práticas – Estudos de Natureza Educacional*, Vol. VIII, N. 1, 2008.
- SANTANA, F. M. *Da Caatinga ao Seringal*. (monografia latu sensu). Extrema-Ro: 2005.
- SECRETO, M. V. *A Ocupação dos “Espaços Vazios” do Governo Vargas: Ou “Discurso do Rio Amazonas” à Saga dos Soldados da Borracha*. Rio de Janeiro: Revista de Estudos Históricos, N. 40, 2007.
- SOUZA, C. A. A. De. *História do Acre*. Rio Branco: Autor/editor, 2006.
- SOUZA, R. F. *Arigó*. São Paulo: Scortecci, 2004.